A FORMA URBANA VERTICAL E AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

■JOSELI MARIA SILVA - *DEPARTAMENTO DE GEOCIÊNCIAS/ UEPG*

RESUMO

A COMPREENSÃO DO UNIVERSO SIMBÓLICO CONSENSUAL INSTITUÍDO EM TORNO DA FORMA URBANA VERTICAL É O OBJETIVO CENTRAL DESTE ESTUDO. ARTICULAM-SE OS ELEMENTOS OBJETIVOS E SUBJETIVOS E ENFATIZAM-SE A FORMAÇÃO E A REDEFINIÇÃO IDENTITÁRIA DOS GRUPOS SOCIAIS QUE, AO PROMOVEREM A TRANSFORMAÇÃO MATERIAL DA FORMA URBANA, TAMBÉM SE APROPRIAM DELA PARA REELABORAR SEUS VALORES E SIGNIFICADOS.

PALAVRAS-CHAVE: **ESPAÇO URBANO, VERTICALIZAÇÃO, SIGNIFICADO, IDENTIDADE, REPRESENTAÇÕES SOCIAIS.**

Compreendida como um sistema de significados, a forma urbana vertical constrói e é construída por representações sociais, concebendo uma totalidade que envolve o objetivo e subjetivo, o material e simbólico, o indivíduo e a sociedade. Esta perspectiva dilui a noção reprodutivista, comum nos estudos do espaço urbano, e adota parâmetros construtivistas na análise da realidade socioespacial. Dessa forma, o ser humano é visto em sua potencialidade criativa e, embora esteja sujeito às estruturas históricas e espaciais, é quem as produz na vida cotidiana, podendo, assim, transformá-las.

A forma urbana vertical, que uniformiza cada vez mais a aparência das cidades capitalistas modernas, é significada de maneiras múltiplas por diferentes grupos sociais e em distintos contextos espaciais e temporais. Guarapuava (PR), após a década de setenta, é o contexto espacial e temporal que serve de objeto para esta análise, conforme estudo de Silva (2002). Uma cidade média do centro-oeste paranaense, marcada por tradições rurais em pleno processo de modernização da agricultura e de reestruturação de seu espaço urbano. O crescimento vertical é um dos aspectos materiais que se origina nesse processo, tornando-se elemento importante da redefinição da identidade da elite rural na cidade. As relações sociais instituídas na sociedade guarapuavana baseavam-se no compadrio, no latifúndio, na caridade do senhor das terras, na confiança do cumprimento da palavra empenhada, na fidelidade baseada na afetividade e nos laços familiares. São essas características do tecido social que foram redefinidas nas relações sociais urbanas, amplamente apoiadas no poder de uma elite rural agregada, mantido pela criação de instituições de sociabilidade locais altamente restritivas[1], reguladas pelo intenso contato interpessoal possibilitado por um espaço de pequenas dimensões, o centro da cidade.

A forma urbana vertical de Guarapuava reflete as contradições de um processo possibilitado por uma sociedade com fortes tradições rurais que incorporou o ideário do progresso, do

desenvolvimento e do modelo urbano das grandes cidades. A verticalização é analisada no sentido representacional, considerando distintos tempos históricos, envolvendo os sujeitos da representação como a elite campeira, através da imprensa local e grupos sociais que mantêm diferentes experiências cotidianas em relação ao objeto.

Representações sociais como instrumento de análise dos significados do espaço urbano

A construção metodológica do presente trabalho teve como fonte de inspiração o geógrafo Duncan (1990) em *City as text*, que considera a paisagem como um sistema de significados a qual, tal qual a linguagem expressa em texto[2], é depositária e transmite informações. Contudo, as interpretações dependem dos sujeitos que atuarão no processo de recepção e interiorização da informação que, por sua vez, é determinado e determinante dos valores culturais. Não se trata de uma relação direta de causa e efeito entre sujeito e valores culturais, na qual um determina o outro, pois tal premissa reforçaria a característica reprodutivista da interpretação do espaço. Trata-se de contemplar o sujeito em relação a outros sujeitos, em que valores e identidades são experienciados cotidianamente. É nesse confronto diário que ocorrem as transformações que influenciarão na leitura e interpretação do espaço, possibilitando a elaboração de uma realidade sempre inovadora e mutável.

Além de privilegiar o ato criativo dos sujeitos sociais através da leitura e interpretação da paisagem, Duncan enfatiza uma abordagem política e afirma que ela deve ser parte integrante da análise da organização da vida social e da constituição, reprodução e contestação das relações de força que a compõem. Embora os pressupostos desse autor tenham sido inspiradores, havia diferenças que necessitavam de uma mediação entre o meu objeto de pesquisa e o dele. A base empírica do estudo de Duncan (1990) é a capital de Kandy, Sri Lanka, no início do século XIX. Esse espaço é visivelmente repleto de símbolos de autoridades religiosas e monárquicas, enquanto que as formas verticais que compõem o espaço urbano de Guarapuava são comuns em muitas cidades modernas ocidentais. Outro aspecto que precisava ser mediado era o fato de Duncan (1990) ter conseguido compreender as diferentes interpretações da paisagem de Kandy também por sujeitos com diferentes valores culturais e, no caso de Guarapuava, essas diferentes interpretações deveriam ser encontradas na vida cotidiana de sujeitos de uma mesma matriz cultural.

O instrumento explicativo da trama simbólica que envolve o processo de verticalização de Guarapuava é o conceito de representação social de Serge Moscovici. Essa teoria estimulou a superação da dicotomia entre o sujeito e a sociedade a partir do conceito de representação social, definida como "uma modalidade de conhecimento particular que tem como função a elaboração de comportamentos e a comunicação entre indivíduos" (Moscovici, 1978:26). Na vida cotidiana o sujeito reflete sobre fatos e estabelece pronunciamentos a respeito deles, sendo que as explicações são elaboradas a partir de contextos, de uma série de informações e valores adquiridos de diversas fontes e experiências, individuais ou grupais. Tais explicações constituem as "representações sociais" e são teorias do senso comum, através das quais se realiza a interpretação e a construção da realidade

social. O ato de representar é uma reconstrução e não uma reprodução, pois neste processo a realidade desconexa, ao ser reconstruída, faz circular e reunir experiências dos indivíduos, tornando o que é estranho em algo familiar para assim naturalizá-lo[3].

A representação social, portanto, não é uma imagem refletida da realidade, mas depende de uma série de fatores tanto da situação imediata como do contexto social, ideológico, da posição social do sujeito, de sua história de vida e da configuração das relações de poder instituídas, já que alguns grupos possuem meios mais eficientes que os demais para assegurar sua versão da realidade social (Oliveira, 2000). Ademais, as representações são dinâmicas, mutantes, pois quando os sujeitos se encontram para falar de temas de seu interesse e dar sentido ao seu mundo é que as representações sociais são formadas e circulam constantemente (Guareschi, 2000).

Ao interpretar uma realidade, os sujeitos o fazem a partir de identidades e, sendo assim, as representações sociais são entendidas na dimensão da alteridade (Jovchelovitch, 2000). Tanto os conteúdos sociais que possuem origem nos elementos culturais acumulados ao longo do tempo e herdados de gerações passadas, quanto as interações sociais do presente fazem parte da formação das representações sociais (Spink, 1995). Dessa forma, na medida em que elas articulam elementos individuais e coletivos não devem ser reduzidas a uma determinação da sociedade sobre o indivíduo ou vice-versa.

A formação e circulação das representações sociais que estão atreladas às estruturas históricas e sociais estão também atreladas ao espaço. Nas atividades cotidianas, quando os homens trabalham, moram, caminham, compram, experienciam suas identidades que as representações também se transformam. É a partir do espaço, concebido como uma criação humana que condiciona seus criadores, que se podem desenvolver as percepções, os encontros e a comunicação entre os indivíduos. Além disso, o cotidiano é afetado por muitos processos espaciais, como o crescimento urbano, a diferenciação de áreas, a segregação e a mobilidade. Todos esses processos são elementos constitutivos das representações sociais que, por sua vez, vão ser também constitutivas do espaço. Enfim, o conceito de representações sociais é apropriado como conhecimento gerado, processual e relacionalmente, na comunicação diária com possibilidades de orientar comportamentos na vida concreta, desenvolvendo práticas e ações que produzem o espaço urbano.

A PRODUÇÃO DOS EDIFÍCIOS E AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS NA IMPRENSA LOCAL

As estruturas sociais, históricas e espaciais são elementos constituintes da formação e circulação das representações sociais da forma urbana vertical de Guarapuava, assim como a identidade da elite campeira construída e mantida por relações de poder. As raízes do sistema de representações encontradas nos jornais locais pesquisados[4] e a ânsia pela superação do "atraso", relacionadas às tradições locais, e de sua forma urbana correspondente, a horizontal, são características nítidas no padrão das matérias jornalísticas dos anos 70, como pode ser conferido pelo exemplo[5] a seguir:

"GUARAPUAVA ONTEM E HOJE: O progresso mudou a cidade. Nesta foto vemos a

antiga Prefeitura e Clube Guaíra, ao centro o Correio, 1940. Quem vive em Guarapuava a longos anos, os filhos natos da terra de Guairacá e aqueles que por aqui passam de tempos em tempos, podem aquilatar o progresso, desenvolvimento que nossa Guarapuava está experimentando (...) Hoje, 1977, o fotógrafo se colocou no mesmo ângulo e "click" surge a paisagem moderna, a Guarapuava que todos nós amamos, onde todos nós respeitamos os nossos entes queridos que nos legaram cultivo as tradições e força de vontade para não estagnar, conosco deixaram o fermento que fez crescer ideais e transformar Guarapuava em uma cidade moderna. Na praça árvores cresceram, onde existiam pequenas casas, surgiram modernos edifícios, a carroça foi substituída pelo ônibus moderno, a charrete pelo automóvel e o mensageiro pelo telex. Guarapuava vive nesta comparação na saudade de muitos guarapuavanos que desejam algo mais notável para seus filhos. (...) Tudo ficou na saudade, hoje sentimos já a sombra dos edifícios que se perfiliam na nossa principal artéria, os sinaleiros não vencem o volume de veículos e a quietude foi embora. O progresso veio e continua" (Folha do Oeste, 01/05/1977:07).

A superação de um modelo urbano horizontal pelos "modernos edifícios" é comentada com um misto de desejo para o futuro da cidade que guarda "algo mais notável para seus filhos" e um saudosismo e apego às raízes do passado e aos "entes queridos", os quais legaram "força de vontade para não estagnar", evidenciando a concepção de uma trajetória linear, em que o fim único é o "progresso" que "veio e continua". O valor positivo e de superioridade atribuídos à forma urbana vertical atrelada aos elementos identitários da elite campeira recria, neste momento, as condições de reprodução de um padrão urbano desejado e tido como o melhor, a partir da negação do modelo horizontal anterior.

Somado a capacidade de produzir significados hegemônicos, a imprensa possui interesses próprios. Tais interesses vinculam-se a sua concepção como instrumento de poder, proveniente das relações existentes entre os proprietários dos jornais locais e as elites políticas e econômicas oriundas da sociedade campeira[6]. As relações de poder que permeiam o teor das matérias jornalísticas demonstram que, no jogo político de acesso à imprensa, a elite campeira desenvolveu capacidade notável de sustentar suas representações sociais e sua visão de mundo na construção da realidade socioespacial em relação aos demais grupos. Ademais, a imprensa, ao interpretar a realidade, faz circular os bens simbólicos já existentes, evidenciando relações de poder internalizadas na sociedade guarapuavana.

Os jornais pesquisados não revelam diferenças de abordagem entre si em relação à produção de edifícios na cidade. Há, contudo, uma transformação no conteúdo das representações sociais se as matérias jornalísticas forem analisadas em termos temporais[7]. A tabela a seguir oferece uma visão detalhada dos resultados obtidos, que estão apresentados em categorias que revelam atores envolvidos, principais argumentos e explicações selecionados a partir da sua freqüência nos textos jornalísticos, sendo que a seleção estabelecida considerou a participação relativa de cada categoria no período correspondente.

A ESTRUTURA INTERNA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS[8] DA FORMA URBANA VERTICAL SEGUNDO A IMPRENSA LOCAL

Estrutura Interna - RS	Período 1969-1979	Período 1986-1998
	Categorias	Categorias
Núcleo Central	Progresso Pessoalidade Guarapuavano Orgulho Proprietário Luxo	Altura Empresas Elite Localização Pessoalidade Investimento
Elementos Periféricos	Localização Altura Elite Empresa Segurança	Luxo Orgulho Segurança Guarapuavano Progresso

O primeiro período estabelecido, entre 1969-1979, é caracterizado por uma construção simbólica da verticalização que aponta para uma representação que envolve o edifício como um projeto, ou um objetivo que aglutina toda a sociedade. A associação entre "progresso" e "edifício" em Guarapuava não pode ser dissociada da redefinição da identidade da sociedade campeira, que exigia que seus afiliados tomassem para si a obrigação de implementar o progresso, percebido como um legado deixado pelas gerações anteriores. Assim, a palavra "guarapuavano" é também conectada aos outros elementos, pois o sentimento de pertença identitária também auxiliava na manutenção do caráter de um objetivo comum em torno da construção dos edifícios. Dessa forma, a cada edifício construído evocava-se o "orgulho" de ser guarapuavano e de ter participado dessa construção na expectativa de um projeto coletivo. A elaboração de um ideal coletivo oculta, sem dúvida, a conquista individual do empreendedor, expandindo a conquista de uma dimensão participativa e social.

A pessoalidade[9] também é um fundamental componente do núcleo central das representações sociais em torno dos edifícios no período abordado. O proprietário, claramente identificado pelo nome, responde por seu papel social como "guarapuavano" ao seu grupo de pertença identitária, e pode ser percebido como aquele que se esforça pelo progresso da cidade e, assim, conquistava prestígio e posição privilegiada na estrutura social da época. A evocação do "luxo" e do requinte aparecem como necessários para a mudança comportamental sugerida pelo progresso e nega hábitos despojados que permeavam o modo de vida das fazendas.

Como periféricos ao núcleo central das representações sobre a verticalização que circulavam na imprensa local, vislumbra-se elementos como "elite", "segurança", "localização", "altura" e "empresa". O posicionamento secundário desses elementos é característico da estrutura sócio-espacial da época, caracterizada por uma fraca diferenciação interna, que permitia certas práticas urbanas que, por sua vez, também constituíam a organização interna das representações sociais. É ainda importante comentar que a "altura" dos edifícios aparece também como elemento periférico, pois em Guarapuava os baixos edifícios eram considerados legítimas expressões de crescimento vertical.

As formas urbanas verticais construídas em Guarapuava no período 1969-1979 foram "ancoradas" nos elementos culturais preexistentes, uma vez que o sujeito torna familiar o que lhe é estranho, e esse processo acontece por associação do objeto àquilo que é conhecido. Assim, a formação das representações sociais da verticalização de Guarapuava a partir da imprensa local apresenta uma série de associações, tal como o empreendedor sendo concebido como o antigo senhor das terras, e o empreendimento particular como uma caridade e elemento de orgulho concedido à cidade. Os elementos de separação e diferenciação não poderiam estar presentes, pois seriam incompatíveis com a cultura campeira, na qual o "patrão para ser respeitado tinha que comer da mesma panela que o peão"[10], em outras palavras, criava-se perspectivas de igualdade social. Enfim, esse processo associativo permitiu que as formas urbanas verticais se naturalizassem e fossem desejadas e reproduzidas em Guarapuava, tornando-se também importantes instrumentos de poder da elite campeira.

O caráter mutante e multifacetado das representações sociais é visualizado na análise do período entre 1986 e 1997, que evidencia uma transformação do núcleo central das representações sociais da verticalização de Guarapuava na imprensa local e um deslocamento de elementos que no período anterior eram periféricos. Os elementos do núcleo central mantêm uma conectividade que caracteriza dois processos complementares da formação e da circulação das representações sociais da verticalização do espaço urbano. Um deles gira em torno de argumentos de que Guarapuava necessita competir na escala intermunicipal, equiparando-se a centros urbanos maiores, e o outro está fundamentado na diferenciação interna da cidade e na auto-segregação das classes de maior renda.

A "altura", nesse período, sofre um deslocamento e passa a fundamentar o núcleo central das representações sociais. Esse elemento está associado a comparação com edifícios de centros urbanos maiores, como se as formas urbanas verticais mais altas pudessem elevar Guarapuava a um patamar de competição com outros locais que possuem uma dinâmica econômica "superior". Tal elemento é imediatamente conectado ao nome das "empresas" provenientes de centros urbanos maiores, as quais relatam intensamente suas experiências de sucesso e se colocam no papel de parceiras nesse processo competitivo, substituindo assim o tradicional proprietário que compunha o núcleo central das representações sociais do período anterior.

Devido ao peso de elementos culturais tradicionais e da configuração de um anel central de pequenas dimensões onde reside a elite da cidade, a "pessoalidade" permanece compondo o núcleo central. Entretanto, na nova estrutura este elemento é revestido de um novo valor e está relacionado a um agente diferente do proprietário-empreendedor, característico do núcleo central precedente. Neste período é a "elite" consumidora dos apartamentos que é identificada pelo nome e qualificada como um grupo que deseja constituir a diferença, através do consumo de objetos de "luxo".

O consumo do "luxo" para um grupo social que deseja a diferenciação social é conectado à "localização" central dos empreendimentos. A evocação da localização central, elemento periférico no período anterior, passa a ser fundamental para

expressar a transformação da relação entre a elite local e o espaço urbano. A elite apropria-se do edifício como oportunidade de separação dos "outros" moradores dos demais espaços da cidade.

O "investimento" é outro elemento que aparece no núcleo central e conecta-se diretamente com os aspectos de diferenciação e separação. O investimento é nitidamente uma ação que visa lucro privado. Este aspecto, inexistente no período anterior, se relaciona em oposição com a idéia tão difundida no período anterior de estabelecer a verticalização como um sonho coletivo.

As representações sociais sobre a verticalização de Guarapuava transformaram-se ao longo do tempo. O edifício, considerado como desejo e sonho coletivo, passou a significar diferenciação e segregação espacial. Tais transformações são concomitantes às transformações da estrutura social, cultural e espacial de Guarapuava, evidenciando assim a inseparabilidade destas categorias de análise, pois a transformação de uma implica a transformação da outra e, sendo assim, sujeito e objeto, simbólico e concreto são constitutivos da complexidade da verticalização do espaço urbano de Guarapuava.

Como práticas comunicativas, as representações das formas urbanas verticais são permeadas por relações de poder, como pôde ser evidenciado na imprensa local de Guarapuava. A versão da realidade que a imprensa cria e movimenta entra em relação com as versões de diversos outros grupos sociais que podem reproduzir ou contestar tais representações, constituindo assim uma verdadeira luta simbólica pois, ao apropriarem-se dessas representações, os sujeitos as transformam a partir de suas experiências, somando-lhes novos elementos, como será explorado a seguir.

AS PRÁTICAS ESPACIAIS URBANAS COMO ELEMENTOS DA FORMAÇÃO, CIRCULAÇÃO E TRANSFORMAÇÃO DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA FORMA URBANA VERTICAL _

A qualidade da experiência concreta dos sujeitos em relação ao objeto de representação influencia na elaboração que os sujeitos realizam ao atribuírem sentidos a uma realidade[11]. Algumas pessoas constroem seus argumentos a partir de uma experiência direta, outras por observação ou ainda por uma experiência indireta, e tanto as características das experiências, envolvendo, nesse sentido, as práticas espaciais, como a construção de argumentos por parte dos sujeitos, estão relacionadas com o lugar que eles ocupam na estrutura socioespacial e a sua identidade social. Assim, ser um morador de um edifício na área central significa algo em relação aos olhos dos moradores da periferia e vice-versa.

Para compreender as representações sociais da forma urbana vertical de Guarapuava, buscou-se uma metodologia que envolvesse grupos sociais com diferentes experiências em relação ao objeto da representação. Os grupos sociais que fazem parte desta pesquisa são os moradores dos edifícios e os moradores de residências térreas, estes últimos divididos em duas categorias: aqueles que possuem poder aquisitivo para obter um apartamento, mas não o fazem, e aqueles que não possuem poder aquisitivo para adquiri-lo. Os grupos de maior renda são ambos residentes da área central da cidade, e o grupo de baixa renda reside no loteamento Xarquinho, a mais distante periferia em relação ao centro da cidade.

A diferença das condições objetivas como acesso aos recursos financeiros, educação, informação, habitação, mobilidade entre os grupos sociais é bastante óbvia em se tratando da realidade brasileira, e essas condições influenciam na formação e

circulação das representações sociais de cada grupo social. As vantagens das condições objetivas dos moradores do anel central em relação aos moradores do Xarquinho permitem argumentar que os primeiros estão em posição privilegiada no que diz respeito à qualidade de suas experiências espaciais no anel central, local onde se estabeleceu a verticalização da forma urbana de Guarapuava.

Mesmo numa cidade como Guarapuava, com uma estrutura urbana simples, há uma diferenciação interna que é percebida e vivida por seus habitantes que mantêm diferentes comportamentos e relações dependendo do local onde vivem e transitam. O centro da cidade para os moradores do Xarquinho é um espaço do qual eles pouco fazem parte, uma vez que a ele se dirigem uma a duas vezes por mês em busca de serviços bancários e médicos especializados e onde reinam os códigos da impessoalidade[12]. Entretanto, para os moradores do centro, esse espaço constitui-se no seu "pedaço"[13] e é profundamente marcado pela pessoalidade. Este espaço de pequenas dimensões possibilita um controle eficaz sobre os membros que participam das redes de sociabilidade desta área. Em qualquer ponto comercial ou repartição pública, "se sabe com quem está falando". As redes de sociabilidade estabelecidas determinam muito dos itinerários cotidianos desenvolvidos por essas pessoas para atividades de consumo e lazer, pois o ambiente fora de casa é altamente controlado pela "vizinhança" que dita as regras do "bom comportamento". A fidelidade a determinados espaços de consumo está relacionada aos sobrenomes das famílias que mantêm relações durante gerações, e o não cumprimento desta regra social gera constrangimento.

Os itinerários cotidianos desenvolvidos pelos moradores do centro sustentam sua sociabilidade e ao mesmo tempo são determinados por ela. A freqüência a outros espaços da cidade é extremamente reduzida, provocando um profundo desconhecimento desses moradores em relação aos demais espaços da cidade. A escolha dos itinerários e caminhos reforça o significado que seus habitantes têm de seu espaço, pois é através deles que os sujeitos observam e apreendem a cidade, construindo tanto a imagem da cidade quanto de si mesmos (Lynch, 1974). A vivência no anel central, buscando o reconhecimento social, significa, portanto, aderir ao seu sistema de valores e desempenhar comportamentos para cumprir o papel social que foi designado pelo grupo de pertença identitária (Mayol, 1996).

As diferenças nas práticas espaciais estabelecidas pelos moradores do Xarquinho e do centro em relação ao anel central de Guarapuava, local onde se desenvolveram as formas urbanas verticais, influencia na construção das suas representações sociais. Tais grupos podem entrar em conflito ou construir alianças, nas quais reconhecem, de alguma forma, interesses e valores diferentes através de suas experiências. Desse modo, estão constantemente negociando em sua realidade social, sua rede de significados, tal qual argumenta Duncan (1990). O fato desses grupos sociais e seus respectivos espaços de moradia e relações de sociabilidade serem praticamente desconhecidos um do outro, não quer dizer que não construam uma imagem do que seja o "nós" e o "eles". Essas pessoas formam opiniões sobre o que são e como são os outros, e isso determina também seu comportamento que, por sua vez, constrói o espaço social e vice-versa.

O mútuo desconhecimento, as práticas espaciais profundamente segregadas e os meios de comunicação de massa que chegam às residências com imagens de violência oriundas, em geral, das grandes cidades, geram o medo e a insegurança. Esses sentimentos justificam a adoção de apartamentos como padrão de habitação, entretanto, não encontram respaldo concreto na realidade de Guarapuava[14]. A idéia que ambos os grupos fazem da forma urbana vertical evidencia contradições que envolvem experiências vividas a partir de diversas escalas e valores identitários. Enquanto os moradores do centro evidenciam seu medo "da pobreza que está aumentando"[15] e realizam uma associação direta entre moradores da periferia e violência e, portanto, algo a ser temido e fora de seu controle, os moradores do Xarquinho comparam seu espaço de vivência cotidiana com o que imaginam ser a vida dos habitantes das formas verticais: "nós daqui vive bem (...) Pode ser mais humilde, mais pobre, mas nos prédio a gente vê o sofrimento na TV desses apartamento. (...) é assarto, é seqüestro, essas coisa e aqui no Xarquinho é menos ..." [16]

As experiências diretas de seus locais de moradia, somadas às experiências indiretas vividas pelas imagens televisivas e o desconhecimento de ambos os grupos sociais dos espaços um do outro realizam uma construção simbólica que estimula cada vez mais a separação e a fragmentação do espaço urbano. Dessa maneira, legitima-se de forma crescente a exclusão de grupos sociais desfavorecidos e a auto-segregação das elites em edifícios, naturalizando o modelo urbano vertical, concebido como uma fatalidade. São essas, então, as condições possíveis da construção das representações sociais de cada grupo social sobre a verticalização de Guarapuava.

A CONSTRUÇÃO SIMBÓLICA COMPARTILHADA E AMBIVALENTE DAS DIFERENTES FORMAS URBANAS

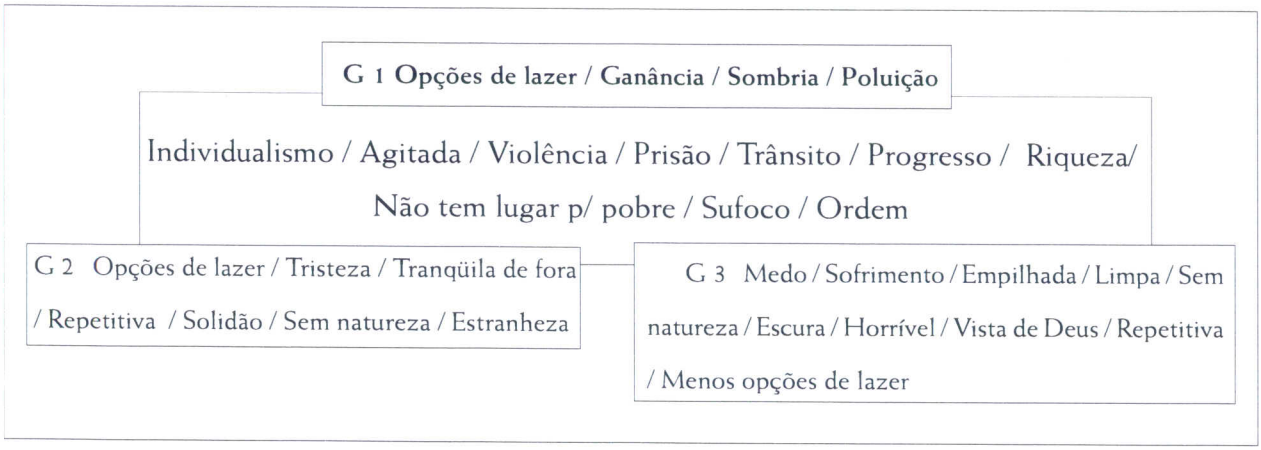
A caracterização dos sujeitos das representações sociais, bem como a de suas experiências espaciais são condições objetivas que constituem o campo representacional da verticalização de Guarapuava. A análise dos diferentes grupos sociais só pôde ser realizada a partir da relação de oposição e/ou complementaridade entre as formas urbanas, horizontal e vertical, presentes nas falas dos entrevistados, evidenciando o aspecto relacional entre os modelos urbanos. Na impossibilidade de se isolarem os depoimentos a respeito de cada uma das formas urbanas, optou-se por contemplar a própria organização das idéias dos sujeitos, considerando o caráter oposicional e dialético de suas falas e, assim, foi criada uma codificação em termos de oposição entre as categorias evocadas para a construção da estrutura das representações sociais.

Ambas as formas urbanas são representadas em redes semânticas com característica de constância e permanência se analisadas do ponto de vista da história e das tradições das quais emergiram. Entretanto, é importante esclarecer que o campo representacional aqui construído apresenta variações a partir do posicionamento sócio-espacial de cada grupo entrevistado. As experiências espaciais cotidianas e as interações sociais permitem novos sentidos na leitura das tradições culturais passadas. Há uma relação dialógica presente que sem dúvida modifica também a visão que os sujeitos possuem do passado, usando-se aqui o conceito de "intertextualidade" de Duncan (1990). A inovação e o movimento das representações sociais constroem-se na prática do diálogo, através da qual se realizam também as reflexões, opiniões e as idéias. Assim, as

representações apresentam simultaneamente permanências e transformações, em que o passado e o presente estão em uma relação dialética que se mesclam e constroem o devir indeterminável.

A figura a seguir é resultado da análise das sub-representações dos grupos sociais entrevistados[17] evidenciando as diferenças internas da estrutura de suas RS.

A Estrutura Interna das Representações Sociais Globais da Forma Urbana Vertical.



Dada a diversidade das fontes utilizadas para a elaboração deste trabalho, é pertinente chamar a atenção para a homogeneidade do campo representacional da verticalização de Guarapuava. O núcleo central da estrutura das representações sociais da forma urbana vertical apresenta alguns elementos de permanência, evidenciados no núcleo central das representações da imprensa local nos anos 70, notadamente o "progresso" associado à "ordem". Esses elementos estão profundamente ancorados nos sujeitos e evidenciam uma concepção oposta da forma urbana horizontal que é descrita como "parada" e "desordenada".

Apesar das diferenças na capacidade explicativa dos sujeitos, elementos cognitivos semelhantes compõem a fala dos três grupos sociais. As idéias que circulam, vinculando verticalização e progresso, são apropriadas pelos diferentes grupos e explicadas dentro de suas possibilidades e limites (Chartier, 1991). As noções de progresso e ordem do passado foram reelaboradas no presente, pois embora ainda se associem os edifícios ao dinamismo econômico, uma meta coletiva e a um padrão estético moderno, os outros elementos que compõem o núcleo central, ao serem conectados, deixam muito claro que o progresso e a ordem do presente possuem caráter excludente de boa parte da população urbana e uma ordenação do espaço urbano que pré-determina a distribuição de cada grupo social na cidade. Assim, é em razão da resistência dos significados passados positivos atribuídos à verticalização que ocorre a legitimação da diferenciação espacial, da segregação e da exclusão social, inclusive pelos grupos desfavorecidos com esse processo.

Ao formularem as RS das formas urbanas os sujeitos emitem valores sociais que fazem parte de sua existência e é através da prática dialógica que se expressa o caráter de não-neutralidade no processo de ancoragem da forma urbana vertical. Nesse sentido, quando se conectam os elementos apresentados anteriormente à "riqueza" associada à forma vertical, e à "pobreza" vinculada à forma

horizontal do espaço, já se revela o lugar destinado a cada grupo social na estrutura urbana de Guarapuava e uma demarcação de fronteiras concretas/simbólicas.

Como conseqüência desse jogo simbólico, o grupo do Xarquinho constrói sua identidade social e espacial a partir da internalização de uma representação social construída a partir dos "outros" grupos sociais que lhe atribui a condição de inferioridade. A internalização desses significados contribui para a manutenção da "ordem" instituída que é legitimada e explicada pela fatalidade. As fronteiras estabelecidas, assim, são perfeitamente reconhecidas pelos moradores do Xarquinho, como evidencia a fala da sra. Deomara Rodrigues dos Santos, empregada doméstica desempregada, ao resumir seu sentimento em relação à forma urbana vertical: "Eu queria poder morar dentro dela, mas eu sei que eu não posso."[18]

A exclusão dos moradores do Xarquinho não impede que desejem o par associativo progresso/forma urbana vertical. Isso porque o desejo extrapola o concreto, pois está fundamentado nos símbolos desta imagem urbana como a riqueza e a superioridade, construindo um amálgama legitimador que beneficia os grupos sociais detentores de poderes capazes de instituir o modelo urbano compatível com suas necessidades concretas e simbólicas. Além disso, as falas dos sujeitos evocam a necessidade da competição econômica inter-municipal associada à verticalização que serve, sobretudo, como estratégia para unificar objetivos de toda a sociedade em favor deste modelo urbano, mesmo que na escala intra-urbana ela se apresente como elemento de fragmentação e separação.

As falas que estruturam as representações sociais das formas urbanas, vertical e horizontal, revelaram outros dois elementos centrais que fundamentam o núcleo central das representações da verticalização de Guarapuava – o "individualismo" e a "violência". A ameaça que permeia a vida cotidiana desses locais é descrita a partir de situações que envolvem o trânsito, as ruas, as casas e as práticas cotidianas dos sujeitos que se comportam sob o lema "cada um por si...". Observa-se, contudo, que as próprias representações que se constroem a partir da forma urbana vertical alimentam as práticas cotidianas dos sujeitos, e tais práticas, por sua vez, também alimentam as representações. Os mesmos sujeitos que evocam o individualismo, rejeitando-o, acabam por tomar atitudes individualistas, desde que se encontrem em contextos urbanos que são assim representados.

A dimensão valorativa também aparece na construção das representações sociais, quando se aborda elementos como o "individualismo", "violência" e o ritmo "agitado" que caracterizam a conexão do núcleo central das representações da forma urbana vertical e que se opõem diretamente aos elementos componentes do núcleo central das representações sociais da forma urbana horizontal, como a "solidariedade" e a "tranqüilidade". Enquanto a oposição entre forma horizontal/pobreza e forma vertical/riqueza aparece nos discursos como algo naturalizado, quando se trata do individualismo e da violência, a reflexividade que se evidencia nos depoimentos dos sujeitos é caracterizada pela reprovação de um comportamento que consideram repulsivo e questionam uma realidade urbana que deveria ser modificada. Os elementos são descritos sempre de forma conjugada, pois uma vez que "ninguém liga para ninguém", não há proteção e segurança na relação com o "outro" e nesse sentido evitam o contato e o envolvimento, e a

"solidariedade" é sempre resultado da confiança que se estabelece num contexto urbano onde "todos se conhecem". Nesse sentido, as referências à forma urbana horizontal refletem freqüentemente um passado saudoso ou um futuro irrealizável.

Quando a estrutura urbana desejável está localizada nos tempos passado e futuro, tornando-se, desta forma, inatingível, o presente é caracterizado pelos elementos que evocam a "prisão" e "sufoco" e aparecem conectados no núcleo central das representações sociais da forma urbana vertical para atribuir sentido a um espaço extremamente dinâmico que foge do controle e do domínio concreto do sujeito, em que o "outro" que se desconhece é concebido como ameaça. A oposição é a "liberdade" e a "natureza", associada a uma estrutura urbana de pequenas dimensões possibilita a sensação de controle sobre os homens e o ambiente. Assim, é a partir destas expressões de ambivalência sobre as formas urbanas que os sujeitos, além de descrever sua realidade sócio-espacial, também a contestam, possibilitando assim a reconstrução da realidade social.

Embora a análise precedente tenha sido baseada no cruzamento das sub-representações grupais, é importante também explorar as diferenças que marcam a estrutura das representações sociais de cada grupo social. O par de elementos inversos "pobreza" e "riqueza", relacionados às representações das formas horizontal e vertical, não é reconhecido pelo grupo 2. Já os grupos 1 e 3, ao contrário, apresentam essa relação de oposição bastante distinta. O que baseia esta marca de distinção é a fronteira identitária entre os dois grupos em relação à área da cidade que ocupam. De um lado, o grupo 1 possui a auto-imagem criada pela relação forma vertical/riqueza e atribui ao grupo 3 a imagem da forma horizontal/pobreza e, por outro lado, há o reconhecimento dessa relação por parte do grupo 3.

Outra diferença acentuada verificada nas estruturas das representações dos grupos sociais é a oposição vertical/sem natureza e horizontal/natureza. Esses elementos são importantes nas falas dos grupos 2 e 3 e não são relevantes para o grupo 1. Constata-se que o discurso possui uma vinculação direta com a procedência rural dos componentes dos grupos 2 e 3 em contraste com a procedência urbana dos integrantes do grupo 1. Dessa forma, há um modo de vida incorporado e uma relação com a natureza particular de cada grupo social que se torna relevante na estruturação das RS.

A idéia de ordem é outro elemento que apresenta grande divergência entre os grupos sociais na estruturação de suas representações. Os grupos 1 e 2 estabelecem a relação da forma urbana vertical/ordem e opõem a forma urbana horizontal/desordem, enquanto que o grupo 3 não estabelece como significante este elemento na estrutura de sua representação. A "ordem" para os dois primeiros é vinculada a um padrão estético moderno já internalizado na sua experiência espacial que se contradiz com os outros elementos do núcleo central de suas representações sociais. Quando estes grupos descrevem a forma urbana vertical como violenta, insegura, agitada, com trânsito caótico e mesmo assim ordenada, constata-se a persistência da ancoragem desse elemento nestes sujeitos que, contraditoriamente, descrevem a cidade horizontal como segura, tranqüila, de fácil acessibilidade e mesmo assim "desordenada". Para o grupo 3, que possui uma reduzida experiência espacial que possibilite a internalização de um padrão estético

moderno, a "ordem" não é um elemento relevante na estruturação de seu discurso.

Outros elementos periféricos das representações sociais de ambas as formas urbanas também apresentam divergências em termos de definição; entre eles estão o medo e as opções de lazer. Apenas o grupo 3 cita o "medo" como elemento da estrutura de sua representação. Os grupos 1 e 2 constroem uma imagem da forma urbana vertical fruto de suas experiências diretas e relatam conseguir criar sistemas de proteção de forma individual, sem depender diretamente do sistema de segurança do Estado. O grupo 3 evoca o medo da violência quando se refere às imagens televisivas que abordam as grandes cidades, portanto uma construção simbólica fruto de experiências indiretas que se mesclam com a descrença no aparato de justiça instituído e com sua incapacidade de garantir um sistema de proteção individual. O elemento "opções de lazer" está relacionado às formas urbanas verticais para os grupos 1 e 2, enquanto que o grupo 3 associa esse elemento à forma urbana horizontal. Enquanto os primeiros grupos citam modalidades de lazer que são acessíveis mediante a compra como cinema e shopping center, o grupo 3 cita formas de lazer que não envolvem gastos, como desfrutar a natureza e visitar os amigos e parentes.

O grupo 1 apresenta a estrutura interna das representações sociais da forma urbana vertical mais homogênea e concisa e, além disso, os elementos que compõem a representação grupal definem a estrutura global das representações sociais, exposta na figura apresentada. Nesse sentido, pode-se argumentar que a visão de mundo desse grupo social, os significados que atribui à forma urbana vertical, a qual faz parte de suas práticas e sua existência cotidiana, é lida e reconhecida pelos demais. Essa parte da elite de Guarapuava conseguiu, através do jogo simbólico, materializar seu padrão urbano desejado, obscurecendo as diferenças de valores contidas na estrutura das representações sociais dos demais grupos sociais. O sonho "coletivo" da verticalização da cidade, amplamente analisado através das representações da imprensa local dos anos 70, apesar de redefinido, ainda se mantém pela troca simbólica na qual a elite representa o ideal a ser atingido pelos grupos de menor renda, e se institui a reprodução da realidade sócio-espacial que ilude os desfavorecidos com oportunidades que não lhes serão acessíveis, mas que, no entanto, a única maneira de conseguir a legitimação de todos é tornar compartilhado aquilo que é excludente. Só assim é possível compreender os motivos internos que levam os sujeitos excluídos a legitimar o modelo urbano instituído e representar a realidade como dada, imutável.

Os sujeitos entrevistados demonstraram dificuldades em refletir sobre relações sociais que mudem a espacialidade instituída. Se por um lado as estruturas, materiais e simbólicas, formam uma espécie de moldura que dificulta a transformação de pensamentos, por outro, ao agirem, as pessoas se utilizam destas mesmas estruturas na vida cotidiana e podem então modificá-las. É na construção das fronteiras identitárias, através da qual se estabelece a diferença entre os grupos sociais, que surgem as múltiplas representações sociais a respeito de determinado objeto e, assim, toda criatividade humana. É ainda nesse jogo simbólico que se define a realidade socioespacial que, como campo contratual, pode ser redefinida, ampliada e/ou transformada. Nesse sentido, é necessário que seja aqui considerada a indissociabilidade entre os universos material e simbólico.

NOTAS

[1] As instituições de sociabilidade locais da elite campeira eram a Maçonaria, Rotary Club, Clube Guaíra e alguns espaços da Igreja Católica.

[2] Um texto é um discurso, uma estrutura social de inteligibilidade dentro da qual todas as práticas são comunicadas, negociadas e desafiadas. Estes discursos estão sempre permitindo recursos e limites dentro de certas direções de pensamentos e ação que parecem naturais (Duncan, 1990).

[3] Processo em que as representações sociais estabelecem mediações, materializando a produção simbólica definida como objetificação e ancoragem.

[4] *Folha do Oeste* e *Esquema Oeste* foram os jornais locais escolhidos devido ao maior tempo de atuação na cidade e pela regularidade das edições.

[5] Os exemplos e trechos de falas citados nesse trabalho resultam de uma análise qualitativa e são utilizados no sentido de serem "paradigmáticos" e não simplesmente como uma validação de minha interpretação.

[6] O fundador e antigo proprietário do Jornal Folha do Oeste, o sr. Antônio Lustosa de Oliveira, descendente de uma família da tradicional sociedade campeira, foi prefeito municipal e integrou, com destaques de atuação, várias instituições locais que constituíam os importantes espaços de sociabilidade da elite local como o Clube Guaíra, o Rotary Clube e a Maçonaria Filantropia Guarapuavana. O sr. Leonel Júlio Farah, proprietário do jornal Esquema Oeste, é filho de fazendeiro, madeireiro e político que, quando formado em jornalismo, estabeleceu-se em Guarapuava favorecido pelas ligações políticas de seu pai, transformando-se em um político ativo e vinculado ao Rotary Clube por mais de vinte anos.

[7] As matérias jornalísticas foram sistematizadas, considerando a posição interna atribuída às formas verticais, sejam elas tratadas como foco principal da matéria ou pano de fundo. Além do mais, foram mapeadas as conexões entre os atores sociais envolvidos no processo e um enquadramento dos significados ali contidos a partir de categorias criadas para permitir a análise de conteúdo das representações sociais da imprensa.

[8] A orientação metodológica desta análise segue a "teoria do núcleo central", proposta por Abric (1998), na qual privilegia-se o conteúdo cognitivo das representações. A abordagem estrutural constitui-se de elementos cognitivos estruturados, consensuais, rígidos, os quais formam o núcleo central estável que, por sua vez, confere sentido aos elementos mais instáveis, periféricos, que são flexíveis, mutáveis e individualizados. A representação assim concebida reestrutura a realidade a partir de um processo de integração entre as características do objeto de representação, as experiências anteriores do sujeito e de seu contexto social, tornando possível aos indivíduos dar sentido ao mundo que os rodeia.

[9] Segundo Prado (1995), a pessoalidade é característica de uma sociedade onde cada sujeito é determinado pelo pertencimento a um segmento que faz sua conexão com o todo social. Os sujeitos, assim, estão submetidos a um código hierárquico que lhe é exigido e possibilita sua identificação imediata com particularidades, facilitada num espaço de pequenas dimensões.

[10] Expressão utilizada por representantes da sociedade campeira em Guarapuava e citada em entrevista com o Sr. Nivaldo Krüger, um representante da elite política local.

[11] Relph (1976) utiliza as categorias de *"insidness"* e *"outsidness"* e destaca que a qualidade da experiência do sujeito estabelecida com o espaço possibilita a criação de diferentes significados.

[12] A impessoalidade, segundo Prado (1995), expressa valores da modernidade em que os indivíduos são seres "iguais" perante a lei e o Estado.

[13] O termo "pedaço" é utilizado por Magnani (1996) para definir o estabelecimento e reforço de laços de sociabilidade, diferenciando aqueles que fazem e aqueles que não fazem parte do pedaço, ou seja, da mesma rede de socialização.

[14] A "tranqüilidade interiorana" é motivo de orgulho e notas nos jornais locais e, além disso, a criminalidade de Guarapuava mantém um perfil característico da cultura local, na qual os crimes mais praticados são homicídios por motivos pessoais relacionados à honra, conforme entrevista do delegado chefe da 14ª Sub-divisão policial de Guarapuava, sr. José Carlos Cruz, em 29/11/2000.

[15] Expressão constante nas entrevistas com os moradores do anel central.

[16] Entrevista concedida pela Sra. Aracy Shneider Marcondes, moradora do Xarquinho.

[17] O G1 é o grupo de moradores dos edifícios, o G2 é

o grupo de moradores de residências térreas com alto poder aquisitivo e o G3 é o grupo de moradores do Xarquinho.

[18] Conforme entrevista realizada em 21/11/2000 em Guarapuava.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRIC, Jean-Calude. A abordagem estrutural das representações sociais. In: MOREIRA, Antonia Silva Paredes e OLIVEIRA, Denise Cristina de (orgs.). *Estudos Interdisciplinares de representação social*. Goiânia: AB, 1998.

CHARTIER, Roger. "O mundo como representação". *Estudos avançados*, 11 (5), 1991.

DUNCAN, James Stuart. *City as text: the politics of landscape interpretation in the Kandyan Kingdom*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

GUARESCHI, Pedrinho. "Representações e ideologia". In: *Revista de Ciências Humanas – Representações sociais e interdisciplinaridade*. / Universidade Federal de Santa Catarina. Centro de Filosofia e Ciências Humanas. V. 1, n. 1 (jan. 1982). Florianópolis: Editora UFSC, 2000.

JOVCHELOVITCH, Sandra. *Representações sociais e esfera pública: A construção simbólica dos espaços públicos no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 2000.

LYNCH, Kevin. *La imagen de la ciudad*. Buenos Aires: Ediciones Infinito, 1974.

MAGNANI, José Guilherme C. "Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole". In: MAGNANI, José Guilherme C. e TORRES, Lilian de Lucca (orgs.). *Na metrópole: textos de antropologia urbana*. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo; FAPESP, 1996.

MAYOL, Pierre. Morar. In: CERTEAU, Michel, GIRAD Luce, MAYOL Pierre (orgs.). *A invenção do cotidiano 2 - Morar, cozinhar*. Petrópolis: Vozes, 1996.

MOSCOVICI, Serge. *A representação social da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

OLIVEIRA, Denise Cristina. "Representações sociais e saúde pública: a subjetividade como partícipe do cotidiano em saúde". In: *Revista de Ciências Humanas – Representações sociais e interdisciplinaridade*. / Universidade Federal de Santa Catarina. Centro de Filosofia e Ciências Humanas. V. 1, n. 1 (jan. 1982). Florianópolis: Editora UFSC, 2000.

PRADO, Rosane M. "Cidade pequena: paraíso e inferno da pessoalidade". *Cadernos de Antropologia e imagem*. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Núcleo de Antropologia e Imagem, n 1, Rio de Janeiro: UERJ, NAI, 1995.

RELPH, Edward. *Place and placelessness*. London: Pion Limited, 1976.

SÁ, Celso Pereira de. *A construção do objeto de pesquisa em representações sociais*.

Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.

SILVA, Joseli Maria. *A verticalização de Guarapuava (PR) e suas representações sociais*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2002. Tese de Doutorado.

SPINK, Mary Jane. "Desvendando as teorias implícitas: uma metodologia de análise das representações sociais". In: GUARESCHI, Pedrinho e JOVCHELOVITCH, Sandra. *Textos em representações sociais*. Petrópolis: Vozes, 1995.

ABSTRACT

THE COMPREHENSION OF THE CONSENSUAL SYMBOLIC UNIVERSE ESTABLISHED AROUND THE VERTICAL URBAN SHAPE IS THE CENTRAL OBJECT OF THIS STUDY. IT LINKS OBJECTIVE AND SUBJECTIVE ELEMENTS AND EMPHASIZES THE FORMATION AND IDENTITY REDEFINITION OF SOCIAL GROUPS WHICH WHILE PROMOTING MATERIAL TRANSFORMATION OF THE URBAN SHAPE, ALSO APPROPRIATE FROM IT TO REELABORATE THEIR OWN VALUES AND MEANINGS.

KEYWORDS: URBAN SPACE, VERTICALIZATION, MEANING, IDENTITY, SOCIAL REPRESENTATIONS.